



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES

MANTO VIVO

THAÍS FROSSARD MAGALHÃES CANELLA

ORIENTADORA DESIRÉE BASTOS
COORIENTADOR ANTONIO GUEDES

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Escola de Belas
Artes da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como parte dos
requisitos necessários à obtenção
do grau de Bacharel em Artes
Cênicas – Indumentária

RIO DE JANEIRO
2024

CIP - Catalogação na Publicação

C221m Canella, Thaís Frossard Magalhães
Manto Vivo / Thaís Frossard Magalhães Canella. --
Rio de Janeiro, 2024.
46 f.

Orientadora: Desirée Bastos.

Coorientador: Antonio Guedes.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais:
Indumentária, 2024.

1. Figurino. 2. Manto sagrado. 3. Meio ambiente.
4. Natureza vestível. 5. Figurino ritualístico. I.
Bastos, Desirée, orient. II. Guedes, Antonio,
coorient. III. Título.

Nome do estudante: Thaís Frossard Magalhães Canella
DRE: 120062675
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Centro de Letras e Artes – CLA
Escola de Belas Artes – EBA
Departamento de Artes Teatrais – DAT
Curso de Artes Cênicas – Indumentária
Título do projeto: Manto Vivo
Orientadora: Desirée Bastos
Coorientador: Antonio Guedes
Data da defesa: 18 de julho de 2024

RESUMO

O Manto Vivo é um figurino feito com as flores Chuva de Prata, e que representa a reaproximação do ser humano com a natureza. A criação será exibida através de uma fotoperformance. Toda a ação foi feita em um lugar que para mim é sagrado, onde me conectei com a natureza durante meu crescimento. São três mulheres que vestem o manto, em que seus momentos atuais acompanham as fases da flor, em três recortes diferentes. O trabalho representa, também, os ciclos e a efemeridade, a fertilidade feminina e da terra, e especialmente a fecundidade que me trouxe à vida. Duas das *performers* foram minha mãe e minha avó paterna, representando as duas partes da minha família. A cor branca da flor é para representar todo o ciclo da vida: o início e o fim, e o começo que nasce a partir de um encerramento - a origem que se perpetua através do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Figurino, Manto, Meio ambiente, Natureza vestível, Figurino ritualístico, Manto sagrado.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS – INDUMENTÁRIA
ATA DE DEFESA

Nome: Thaís Frossard M. Canella

DRE: 120062675

Título do Projeto: *Manto vivo*

Orientação: DESIRÉE BASTOS *COORIENTAÇÃO: ANTONIO GUEDES*

A sessão pública foi iniciada às 10:00 h, realizada de modo presencial. Após a apresentação do trabalho de conclusão de curso o (a) estudante, foi arguido (a) oralmente pelos membros da Banca Examinadora e foi considerado (a): () APROVADO (A) / () APROVADO COM LOUVOR () APROVADO (A) COM RESSALVAS / () REPROVADO (A), de acordo com os seguintes critérios:

	Sim	Parcial	Não
O (A) estudante demonstra competência para expressar uma linguagem própria como artista cênico	X		
O projeto evidencia fundamentação teórica com relação ao material que lhe serviu de base e diálogo com o contexto artístico e cultural a que se vincula o projeto	X		
O (A) estudante demonstra capacidade de organização do projeto gráfico, explicitando domínio com relação a formas, volumes e texturas	X		
O (A) estudante utiliza com propriedade os meios de representação gráfica, o raciocínio espacial, a proporção, o equilíbrio e a harmonia das criações	X		
O (A) estudante demonstra capacidade para realizar a aplicação prática do projeto: confecção, adequação de materiais, orçamento, realização de protótipos e modelos	X		
O (A) estudante apresentou Memorial Descritivo	X		

Comentários: *A banca destaca o processo de pesquisa e experimentação na construção de um elemento vestível que envolve muita sensibilidade na realização de uma foto-performance, inédita no curso de artes cênicas.*

Membros da Banca Examinadora

Assinatura

Desirée Bastos (orientadora)

Desirée Bastos

Andrea Renck

Andrea Renck

Gilson Motta

Gilson Motta

Estudante:

Thaís Frossard

Coordenador:

gov.br

Documento assinado digitalmente
ANTONIO DE SOUZA PINTO GUEDES
Data: 14/07/2024 15:44:55-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Rio de Janeiro, 18 /07/2024

Agradecimentos

- Gostaria de começar agradecendo à todas as pessoas que fizeram parte desse trabalho, seja direta ou indiretamente. Também agradecer a todos com quem dividi aulas e projetos durante a faculdade;
- Agradecer aos meus pais, Nai e Joel, que sempre apoiaram meus sonhos e foram ajudas atuantes durante toda a minha faculdade e feitura desse trabalho. Vocês são minhas raízes e minhas asas, amo vocês;
- Ao meu irmão, Arthur, que é e continuará sendo meu melhor amigo para a vida. Agradeço todos os dias por você existir;
- Aos meus colegas de faculdade pelas trocas de aprendizados, apoio e amizade durante todo o meu percurso na EBA, foi uma delícia conhecer todos e pode chamá-los de amigos. Queria agradecer principalmente à Joana e à Larissa, que foram minhas companhias certas para as aulas presenciais, bandejões e trabalhos da faculdade. Minha trajetória no fundão não seria igual sem vocês;
- À Faculdade Federal do Rio de Janeiro, instituição a qual tenho muito orgulho de ter feito parte, e aos meus professores, que me proporcionaram ensino de alta qualidade;
- À minha orientadora Desirée Bastos, que me guiou sabiamente na feitura desse trabalho;
- Ao meu coorientador e professor, Antonio Guedes, que também me orientou durante esse trabalho e durante meu percurso na faculdade, se tornando um amigo;
- À Haydée e ao Davi, que me receberam no Rio de braços abertos com carinho, conselhos e amizade. E à Juliana, por também me mostrar a UFRJ com olhos brilhantes;
- Às minhas modelos, minha mãe e minha avó, que prontamente aceitaram meu convite para participar do trabalho;
- Ao meu amigo Felipe Lorenção, por se disponibilizar e fotografar belas imagens que engrandeceram meu trabalho;
- À Érika Castro, pela conversa no café com ideias e inspirações para este trabalho e pela carinhosa disponibilidade;
- Aos meus amigos do Rio, novos e antigos, com quem compartilhei risadas, conversas e conselhos.

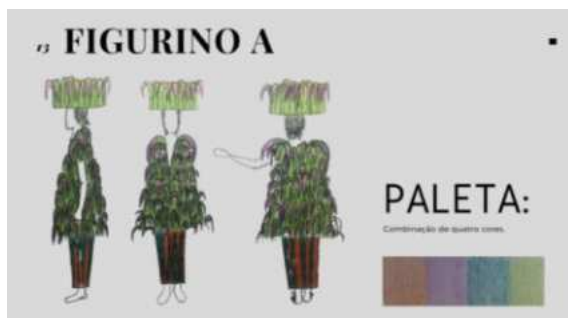
Sumário

1.0 Introdução	5
2.0 O Manto.....	6
3.0 Tipos de usos em trajes	8
3.1 Trajes Ritualísticos	9
1. La Vijanera	10
2. Burryman´s Parade.....	11
3. Dia da Guirlanda de Castetlon.....	12
4. Festival Sing Sing	13
5. Carnaval da Moita	14
3.2 Trajes artísticos.....	15
1. Liisa Pesonen	15
2. Lucyandbart	16
3. Paula Escalona.....	17
4.0 Preservação	19
4.1 Glicerina.....	20
4.2 Sílica-gel.....	21
5.0 Execução	22
5.1 Dente-de-leão	22
5.2 Chuva de Prata.....	26
5.3 Fotoperformance.....	28
5.4 Confeção do manto.....	30
Bibliografia.....	44

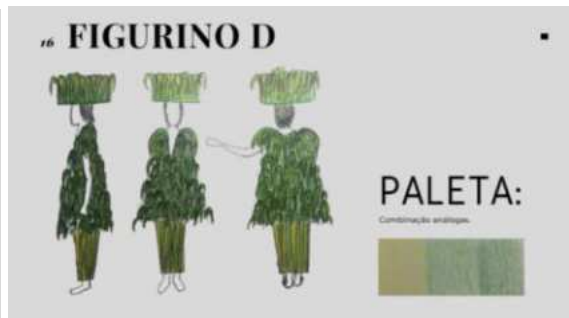
1.0 Introdução

Na minha vida, a natureza sempre foi muito presente. Cresci em uma cidade rodeada por montanhas e florestas na Serra Carioca (Nova Friburgo, RJ), morei em uma casa colorida por plantas e estudei meus primeiros anos em uma escola de pedagogia que valoriza as atividades sensoriais (pedagogia *Waldorf*), os trabalhos manuais e as experiências musicais: brincadeiras com terra, subidas em árvores e pés descalços reforçaram meu contato com a natureza. Essas vivências e meu histórico de vida se espelharam no meu curso e isso tudo resultou na pesquisa que estou desenvolvendo.

Mais tarde, refletindo sobre o assunto, percebi que, em meus trabalhos acadêmicos sempre procurei pesquisar e estudar matérias primas orgânicas (principalmente do reino vegetal). No meu primeiro período na faculdade, em formato *on-line* devido à pandemia de *Covid-19*, para a matéria *Estudos do vestuário*, da professora Desirée Bastos, usei como inspirações em meus trabalhos a natureza. Um deles sendo um exercício de formas, texturas, e cores, que surgiu uma textura de folhas no meu figurino. Para a mesma matéria, em um trabalho de figurino para jogos virtuais, minhas inspirações para a “Criatura” foram insetos que eu mesma tinha fotografado durante o processo, para usar no trabalho.



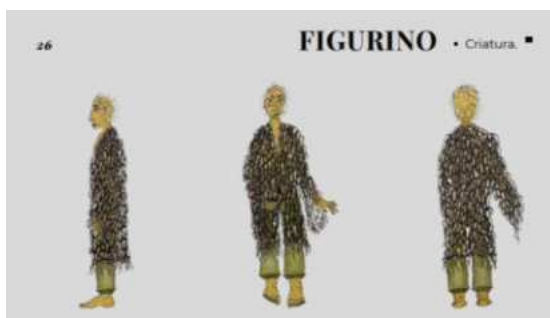
Trabalho sobre forma, textura e paleta.



Trabalho sobre forma, textura e paleta.



Moodboard com inspirações na natureza.



Croqui do figurino da Criatura, seguindo as inspirações.

Para a disciplina *Técnicas de Figurino III*, ministrada pelo professor Samuel Abrantes, meu trabalho final também foi baseado na natureza e em suas formas fluidas. O ensaio fotográfico para a apresentação foi inspirado em seres da floresta. O assunto sempre me motivou e esses trabalhos me traziam um conforto diante da distância dessa conexão.



Foto do trabalho da disciplina Técnicas de Figurino III | Foto: Arthur Frossard



Foto do trabalho da disciplina Técnicas de Figurino III | Foto: Arthur Frossard

2.0 O Manto

Segundo Nico Brodnitz (São Paulo, SP), todos os grandes povos usavam o manto: o poncho nos Andes, o Tao no Oriente, os Burnus dos árabes, o Himation dos gregos e a Toga ou a Casula dos romanos. Dos mantos citados, a sua maioria tem um significado além de cobrir o corpo. De acordo com Brodnitz, o manto protege, especialmente na parte das costas, onde o corpo humano é mais indefeso, mas também “guarnece no sentido divino”: “o manto divino que cobre a terra de noite, o manto de Maria, dos profetas e do próprio Cristo” (Brodnitz). A escolha de um manto para o meu trabalho é para representar uma proteção, uma armadura, assim como Nico Brodnitz escreve.

O *Assojaba Tupinambá* (manto tupinambá) representa para o seu povo uma confluência entre o espiritual (os Encantados e os antepassados), o meio ambiente e a transmissão de saberes. O manto, usado pelos ancestrais do povo em rituais e que está sendo recuperado pela artista visual e indígena Glicéria Tupinambá, é uma vestimenta sagrada composta de penas de aves nativas. Glicéria trabalha com a colheita do material, plumagens achadas pelo chão, que segundo ela, só é possível devido a preservação da natureza. O manto tupinambá não foi criado para proteger do frio quem os veste. Sua razão é simbólica e espiritual, remetendo ao que Nico Brodnitz descreve como uma das funções dos mantos, guarnecer no sentido divino. Assim como o manto Tupinambá, o meu figurino será amalgamado com o espiritual, o meio ambiente e a transmissão de saberes - ciclos -, sendo um manto que guarnece.

Seguindo nesse caminho do conceito de manto protetor, a exposição “O nome do medo” da artista Rivane Neuenschwander (Minas Gerais, Brasil) em colaboração com o estilista Guto Carvalho Neto (Rio de Janeiro, Brasil) apresentava capas que foram inspiradas no medo. O trabalho foi o resultado de doze oficinas conduzidas pela artista com crianças. Segundo ela, há uma ambiguidade no sentimento do medo, porque é uma condição que pode paralisar uma pessoa, mas também pode ter um fator de proteção (Rubin, 2017). Aqui, de novo, a proteção não está ligada ao físico. As capas da artista não são para proteger as crianças do frio, é uma simbólica proteção em que aquela espécie de manto tem a função de afastar o medo.

A obra mais conhecida do artista plástico Arthur Bispo do Rosário (1909-1989) é o seu *Manto de apresentação*, que também como os outros, não tem a função de cobrir o corpo ou proteger contra o frio. O artista, que viveu grande parte da sua vida internado na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, confeccionou obras em que apresentava o mundo à Deus. O manto não é diferente, sendo seu principal objetivo ser usado pelo próprio Arthur no dia do Juízo Final. Nele o artista se apresenta com palavras, desenhos e bordados. O manto carrega um significado pessoal e espiritual, o que torna ele intimista e poético.

Assim como o *Manto de apresentação*, as capas de Rivane e o manto Tupinambá, o manto da minha pesquisa, explorará sua função simbólica, para além de sua aparente função. O objeto terá como significados a natureza, a proximidade do ser humano com ela e seus ciclos, como somos parte dela e a ancestralidade humana coletiva e a minha particular.

A natureza me acolhe, faz parte da minha casa, fez parte da minha infância e desenvolvimento, me protege e me conforta. Ela protege o ser humano e sem a natureza a vida não é possível. Segundo a autora do livro “Criança brincando! Quem educa?” Luiza Helena Tannuri Lameirão, “quando percebida e vivenciada [a natureza] em sua própria essência, cada um dos elementos

nos leva a desenvolver sentimentos de gratidão e veneração para com a natureza e nos vincula à Terra” (Lameirão, 2007). Precisamos fisicamente da água, das plantas, da terra, do ar, dos animais. Mas a conexão com a terra está se perdendo. Além da necessidade material que temos com os recursos que o meio ambiente oferece, existe uma ligação metafísica com os elementos e os ciclos da natureza. Sem esse contato com a natureza, o reconhecimento da importância desse ambiente, corre o risco de se apagar. Uma criança que tem contato com flores, terra, grama, mato e animais entende desde cedo a importância da preservação. O ser humano faz parte da natureza, assim como o ambientalista e filósofo Ailton Krenak reitera:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (Krenak, 2019).

Assim, para o meu figurino trazer todos esses conceitos, o meu manto será feito a partir da natureza. Usarei como material plantas para preencher a estrutura e trazer para ele todos os símbolos que pretendo transmitir através dele. Então, quando comecei a definir o caminho que eu iria prosseguir com o meu trabalho, fui confrontada por muitas perguntas e complexas. Primeiro, as questões de referências: existem movimentos culturais que usam trajes com plantas? Quais seriam os sentidos das roupas produzidas com plantas? Religiosidade? Cultura? Estética? O significado de usar plantas é apenas a proximidade com a natureza, e tem como objetivo a sustentabilidade? Ou existe algo mais profundo? Ou seriam questões de disponibilidade de materiais? Quais seriam as simbologias implicadas nesses trajes? Em seguida vieram as questões práticas: como fazer um traje usando materiais *in natura*? Como fazer com que a planta mantenha suas características originais? As flores duram quanto tempo depois de cortadas? Há a possibilidade de prolongar o tempo de vida delas? Um figurino feito com elementos naturais seria efêmero? Mas não é tudo efêmero? Fui atrás das respostas.

3.0 Tipos de usos em trajes

O primeiro passo para responder minhas perguntas foi pesquisar sobre os usos dos elementos naturais e orgânicos na elaboração de vestimentas. Nesse estudo dividi os trajes em dois grupos: os ritualísticos e os artísticos. O primeiro tem uma relação com a fé –usados em datas carnavalescas, folclóricas ou religiosas. E os do segundo grupo estão ligados a poesia, que

foram feitos a partir de um conceito, com um propósito de reflexão ou exposição. Tentei buscar trajes que fossem feitos com folhas e flores, meu principal objetivo de material para o manto, e que preferencialmente fossem frescos ou que mantivessem suas características vivas.

3.1 Trajes Ritualísticos

Na pesquisa por trajes ritualísticos conheci o trabalho de Charles Fréger, fotógrafo francês, que fez uma série chamada “Wilder Mann”, no qual ele fotografou diferentes costumes de diferentes regiões da Europa entre 2010 e 2011 que usam, em sua maioria, roupas feitas de materiais retirados da natureza. Muitas delas são semelhantes. As figuras são metades homens, metades animas/plantas que ressurgem em uma certa época para comemorar uma data, seja ela religiosa ou cultural. Comumente na cultura europeia, essas figuras representam proteção ou fertilidade. Atualmente elas evocam um mundo físico em que muitos buscam, onde ocorre uma reaproximação e reconexão com a natureza. Charles descreve “uma figura zoomórfica cujo aspecto rudimentar e vestimenta ritualística remetem a uma nudez universal” (Fréger, 2010- until now). Após conhecer o fotógrafo, além de pesquisar os trajes, quis especialmente procurar os que ainda fossem feitos nos dias atuais e quais seriam seus significados e relação com natureza.



“Reisigbaren” | Foto de Charles Fréger

Algumas dessas vestimentas são feitas de folhas naturais e frescas. Elas são semelhantes entre si, e podem ser originadas de uma só figura, possivelmente sendo interligadas. A maioria dessas cerimônias fotografadas por Fréger são europeias, tendo seu significado inicial pagão. O autor Dr. Charles B. Lewis escreve na revista *Folk-lore* (Lewis, 1935), que a fonte de nossos folclores populares é a religião transformada, quando a origem religiosa foi esquecida.



“Musgo Musgo” | Foto de Charles Fréger

Dentre as manifestações que Fréger fotografou com figurinos de plantas estão: La Vijanera, BurryMan, Dia da guirlanda de Castleton e Jack in Green.

1. La Vijanera

La Vijanera é uma festa que acontece na cidade de Silió, Cantábria, e celebra a transição do ano novo, com bons presságios e o afastamento de maus espíritos. Nesse carnaval há diversos personagens, cada um com seu simbolismo e fantasia. O Trapajone, personagem que usa a indumentária feita de folhas, representa o mundo natural. Além de combater o mal, o rito promove a fertilidade da terra. A roupa é feita com elementos da natureza, principalmente a folha fresca, e o personagem ainda usa um bastão e uma máscara com os mesmos materiais da indumentária. O traje cobre todo o corpo do personagem, criando uma cobertura quase que total do corpo humano, surgindo assim uma criatura-natureza.



Trapajones | Foto de Charles Fréger

2. Burryman's Parade

Em South Queensferry, Escócia, na segunda sexta-feira de agosto acontece a Burryman's Parade. É uma antiga tradição popular que apenas um homem nascido na cidade pode se vestir como o Burryman, um guardião da cidade que assusta maus espíritos e inimigos. Não se sabe ao certo suas origens, mas segundo a historiadora Carole (Cusack, 2013) existem, dentre muitas, duas possíveis possibilidades de origem para o festival. A primeira associação seria com Margaret of Scotland (1045-1093), mais tarde Santa Margaret of Scotland, para comemorar a passagem da rainha de Edimburgo para Dunfermline e sua viagem do outro lado do rio Forth em South Queensferry durante o século XI (The Burryman of South Queensferry!, 2013). Outra possível origem associa a Burryman's Parade com a permissão do rei Charles I (1600-1649) para uma feira livre em Queensferry, que é observado pela primeira vez na “Proclamação da feira anual” de 1687. John Nicol - Burryman de 1996 até 2011 – diz que: “o fato da razão por trás ser um mistério é uma razão para eu fazer isso” (Visitors come for the Burry Man, 2011).

O Burryman veste uma roupa feita com 10.000 rebarbas¹ que cobre todo o seu corpo, inclusive o rosto. As rebarbas são colhidas pelo próprio Burryman, com a ajuda da família, durante o ano e o traje é adornado com flores mais tarde. As rebarbas grudam naturalmente, funcionando como um velcro, não sendo necessário o uso de costura ou cola. Segundo Nicol, a vestimenta é extremamente desconfortável: é pesada e não pode sentar nem abaixar os braços, precisando de dois assistentes para auxiliá-lo. Na segunda sexta-feira de agosto o Burryman atravessa a cidade passando em diferentes pubs, recebendo arrecadações e um gole de whisky pelo canudo.

Esse personagem também usa um figurino que cobre todo o corpo humano, e parecido com o Trapajone, o Burryman deixa de ser humano para virar um personagem criatura-natureza, ou um ser humano que é mais natureza que os outros.

¹ Rebarba é uma semente ou fruto seco que possui ganchos ou dentes. A principal função é espalhar as sementes da planta, muitas vezes por meio de epizoocoria.



Burryman em 1956 | Foto de Harry Kelly



Burryman | Foto Charles Fréger

3. Dia da Guirlanda de Castleton

Em 29 de maio acontece o Dia da Guirlanda de Castleton, na Irlanda. A cerimônia comemora a restauração do rei Carlos II ao trono em 1660. A cerimônia consiste em um homem – o Rei da Guirlanda – conduzindo uma procissão pela cidade em um cavalo e coberto até a cintura por uma pesada guirlanda de flores. A guirlanda é feita no dia, começando ao meio dia, com flores frescas e uma estrutura de madeira. As origens e significados da guirlanda de flores são indeterminados, sendo para alguns cidadãos a representação do carvalho que o rei Charles II se escondeu após escapar da batalha de Worcester.

A cerimônia pode ter origem também de festivais celtas que celebravam a chegada do verão e o renascimento da natureza após o inverno – os moradores acreditavam que os espíritos residiam na cabeça, o que pode explicar o local e tamanho da guirlanda. O historiador de folclore Ruy Judge sugere que o festival possa ter se originado a partir da figura do Jack in Green, um ser folclórico europeu que veste folhas.

Esse, diferente dos outros dois já citados, não tem o corpo totalmente coberto pela natureza, mas tem sua silhueta transformada, tendo um grande arranjo de flores na parte de cima do corpo. Não é possível vermos a cabeça, totalmente coberta pelas flores. O personagem também vira um ser meio criatura, meio natureza, assim como os outros, e que aqui é totalmente guiado pela natureza. Como explicado acima, o significado espiritual também se faz presente, sendo a cabeça o local onde residia o espírito.



O rei da Guirlanda | Foto: Charles Fréger

4. Festival Sing Sing

Em Papua, Nova Guiné, acontece um festival chamado “Sing sing”, onde diferentes tribos da região se reúnem para dançar e cantar com trajes que contém elementos da natureza. O festival foi criado para diminuir as desavenças entre os habitantes da ilha, depois de diversas brigas. O resultado é semelhante dos outros, cria através do figurino uma criatura natureza, que transforma a silhueta humana e cria um ser integrado. O fotógrafo Sebastião Salgado visitou a ilha para seu trabalho em Genesis e captou através de suas lentes alguns performers do festival.



Performer do festival SinSing | Foto de Sebastião Salgado



“Dancing Tumbuans” | Foto de Hannes Rada

5. Carnaval da Moita

No interior do estado do Rio de Janeiro, em Rio Bonito de Cima, Lumiar, acontece o “Carnaval da moita”. Nessa festa carnavalesca os brincantes não usam fantasias tradicionais. Suas vestimentas são confeccionadas por eles mesmos, em segredo, com plantas e flores da região, muito parecido com as outras manifestações abordadas acima. Faz parte da brincadeira não revelar sua identidade uma vez que está vestido. A pesquisadora Cristina Pape escreve que a tradição é de ascendência europeia, sendo os primeiros moradores da região colonos suíços vindos de Fribourg e Valais, podendo explicar a grande semelhança entre o carnaval do Rio Bonito de Cima com os que acontecem na Europa, citados acima. A origem desse carnaval entre os riobonitenses se perdeu com o passar dos anos e os mais velhos apenas lembram que já existia quando eram crianças.



Fantasia com plantas no carnaval da Moita | Foto: Regina Lo Bianco

No texto, Pape cita o carnaval de Evolene, em Valais na Suíça, que muito se assemelha esteticamente ao carnaval de Rio Bonito de Cima, e muito provavelmente foram os colonos de

Valais que trouxeram. Os materiais usados são diferentes, enquanto na localidade do distrito de Lumiar as fantasias são feitas com plantas e flores da região, as de Valais são feitas de peles (peluche) e sacos (empaille), mas essa mudança deve ter ocorrido para se adequar à nova região e matérias disponíveis. As fantasias com materiais da natureza, após o uso, podem ser descartadas na mata, sem poluir o ambiente. A pesquisadora afirma que “a ideia de as fantasias serem elaboradas dentro do mato, com vegetais que depois retornam à natureza, é uma noção de integração ao meio em que vivem” (Pape, 2016). As fantasias vêm da natureza e voltam para a natureza, como um ciclo. O resultado das fantasias se assemelham a mantos, cobertos por natureza.



Fantasia do carnaval da moita, em Rio Bonito de Cima | Foto: Cristina Pape

3.2 Trajes artísticos

Essa parte da pesquisa tem uma ligação forte com a reaproximação do homem com a natureza, principalmente natureza viva, de forma pensada e poética. Nesses trajes os artistas buscam essa conexão e desejam transmiti-la através da sua arte, diferente dos trajes ritualísticos, que muitas vezes a conexão já existe de alguma forma e é apenas reforçada com eles. Todos os trabalhos abaixo são feitos com o nascimento. O nascer de brotos, gramas e leguminosas. A natureza em seu primeiro estágio. E para além disso, o ciclo da natureza representado. O brotar, nascer, crescer e morrer. Em alguns desses trabalhos, esse processo é representado e documentado, outros não. Mas o significado fica presente e é transmitido para ambos.

1. Liisa Pesonen

A estilista e figurinista finlandesa Liisa Pesonen fez uma performance com um traje, intitulado “Organorgan”, onde “plantou” sementes de agrião. As sementes iam crescendo durante os ensaios e as apresentações, que duraram duas semanas, até que se decompuseram. Todo esse

processo aconteceu durante a exposição. O figurino trouxe diversas indagações e significados mais profundos: a vida útil de um figurino dura apenas enquanto a performance está acontecendo? Como o figurino se desenvolve junto com o trabalho do performer e através dele? O figurino pode estar vivo? É um organismo vivo? As perguntas ficam no ar para os espectadores.



Organorgan (2013) | Foto: Aku Häyrynen

Após esse trabalho, Pesonen fez um figurino intitulado “Grow”, com verdadeiros legumes. O traje foi exibido no Critical Costume, 2015 Exhibition, que após a interação com o público, estes podiam provar as folhas e ervas com azeite e vinagre, criando uma performance comestível.



Grow (2015) | Foto: Riina Nieminen

2. Lucyandbart

Os artistas Bart Hess e Lucy McRae se juntaram para uma colaboração fotográfica chamada Lucyandbart, onde os artistas exploram como a silhueta humana pode evoluir, de acordo com

suas visões artísticas. A dupla trabalhou com diferentes matérias e texturas, imaginando diferentes possibilidades artísticas. O resultado das imagens é perturbador e realístico. E dentre as diversas formas e matérias, em uma das silhuetas cresce plantas, parecendo, assim como outros acima, um corpo natureza, que está ainda mais integrado com o ambiente.

Nos primeiros encontros da dupla, Lucy explica que ela e Bart começaram a discutir sobre a manipulação da beleza e a expressão corporal, e então perceberam que estavam vindo de uma perspectiva semelhante. Bart e Lucy não classificaram seu trabalho em parceria como moda – não se é para usar no dia a dia – ou arte – eles não querem criar questões. Bart diz que a dupla quer se divertir, não tornar essa brincadeira um trabalho.



Germination day one | Fonte: <https://www.barthess.com/lucyandbart>



Germination day eight | | Fonte: <https://www.barthess.com/lucyandbart>

3. Paula Escalona

A estilista Paula Ulargui Escalona, formada pelo Instituto Europeo di Design (IED) em Design de Moda e Comunicação, é conhecida por seu trabalho de conclusão de curso que foi executado durante a pandemia de Covid-19, em 2020. É nesse contexto de isolamento e de reconexão do

ser humano com a natureza que Paula criou o trabalho “*Symbiotic Nature: Siamese skins; Two Natures; One body*” em que ela desenvolve roupas nas quais brotam sementes.

O objetivo foi oferecer para aqueles que vestem essas indumentárias a experiência de natureza em seu primeiro estágio de vida. E queria fazer dessas vestimentas uma segunda pele, uma continuação da própria biologia de quem as veste, uma conexão direta entre dois corpos orgânicos de diferentes espécies. (Paula Escalona – Tradução livre)

As escolhas de tecidos são feitas principalmente pela possibilidade e facilidade de crescimento das sementes. As plantas foram estudadas e selecionadas de acordo com suas necessidades e adequação ao conceito do projeto. Escalona valorizou o aspecto estético na escolha das cores mais atraentes.



Fonte: Paula Ulargui, 2023



Fonte: Paula Ulargui, 2023



Fonte: Paula Ulargui, 2023

Após esse trabalho, Escalona foi convidada para colaborar com Jonathan Anderson, diretor criativo da marca de luxo Lowe, para uma coleção em 2022. O resultado que foi apresentado na Paris Fashion Week foi fruto de um trabalho rigoroso e de cuidado de vinte dias em uma estufa para manter a temperatura ideal para que os brotos crescessem o tamanho desejado. Foram usadas sementes de chia e erva de gato.

Na coleção foram apresentados calçados germinados, além de leggings, moletoms, suéteres, moletoms e pochetes. Apesar dos brotos de Paula não estarem disponíveis para a venda com as roupas da Lowe, o desfile reflete o futuro da moda. Aproxima a moda para um pensamento mais sustentável e participativo nas principais questões que estão sendo discutidas, ou deveriam

ser discutidas no mundo. Segundo a Global Fashion Agenda, a indústria da moda é a segunda que mais polui, atrás apenas da indústria petrolífera.

O trabalho também aproxima a natureza em quem o veste. Assim como o desejo da estilista, que ressalta a importância da conexão do homem com a natureza, as roupas formam uma segunda pele natural, juntando dois corpos orgânicos de diferentes espécies.



Sobretudo e tênis germinados
Foto: Xinhua



Calça germinada
Foto: EPA-EFE



Moletom e tênis germinados
Foto: EPA-EFE

4.0 Preservação

Enquanto eu procurava resolver todas as minhas perguntas sobre meu trabalho com elementos orgânicos, fui convidada pela minha orientadora, professora Desirée Barros, a participar de um estudo desenvolvido em parceria com o curso de Design da PUC-Rio para a confecção de um figurino de carnaval para a Grande Rio, escola de samba do Rio de Janeiro, feito com folhas da vegetação da Mata Atlântica.

Comecei a participar dos encontros na PUC-Rio para a pesquisa. Durante o estudo eu comecei a relacionar as pesquisas que estávamos fazendo com o meu trabalho. A primeira parte dos estudos seria sobre como fazer a planta manter suas características depois de retirada da natureza. Foram alguns encontros para discutir a utilização das folhas de plantas diversas nas fantasias carnavalescas. Seria um grande desafio, pois além de grande quantidade, as fantasias de ala começam a ser confeccionadas meses antes do carnaval e as entregas dessas roupas são

feitas alguns dias antes do desfile e em sacos. Em contrapartida disso tudo, as folhas em seu estado natural, não se mantêm vivas por muito tempo e são frágeis.

Em um primeiro estudo, na tentativa de mantê-las vivas por mais tempo, usamos como material de preservação uma resina à base d'água para mergulhar as folhas. Para essa pesquisa, foram testadas diversos de tipos folhas, mas as principais foram a de Abricó de Macaco (*Couroupita guianensis*) e a de Jaqueira (*Artocarpus heterophyllus*), ambas presentes em grande escala no campus da PUC- Rio. Depois de mergulhada na resina, a Abricó de Macaco dura mais de duas semanas com a coloração verde, depois ela seca mas não fica muito quebradiça. A Jaqueira não durou muito mais de uma semana: ficou quebradiça e alterou sua coloração para marrom. Para uma fantasia com produção em série e em grande quantidade, a folha de Jaqueira seria a melhor opção, por ser bem mais larga e alongada. A folha de Abricó de Macaco foi a que apresentou melhor resultado, mas era pequena demais. O estudo acabou não seguindo adiante por questões de tempo e possibilidades da execução do figurino para o carnaval.

Comecei a pesquisa de preservação de plantas com os encontros na PUC-Rio e depois segui sozinha. As plantas precisam de muitos fatores para que mantenham suas características depois de cortadas, e as experiências durante esses estudos foram um desafio, com acertos e erros. Procurei por materiais que preservassem as flores por mais tempo. Os processos mais viáveis e de melhor resultado seriam com a glicerina e com a sílica-gel.

4.1 Glicerina

Para preservar utilizando a glicerina é preciso pôr a planta em um vaso com uma solução de água e glicerina líquida. Alguns colocam sal nessa solução. Depois de mais ou menos 3 semanas ela terá se preservado. Após o processo, a planta perde um pouco da cor, deixando-a mais escura, porém maleável, não sendo quebradiça. Esse método de conservação funciona porque a umidade natural presente nas folhas é substituída pela solução de glicerina, mantendo a textura e a forma da folha.

Infelizmente, no meu teste o método não funcionou. Coloquei quatro flores em quatro copos diferentes, o primeiro copo só com água; o segundo com água e sal; o terceiro com água, glicerina e sal e no último água e glicerina. Primeiro usei uma planta mais delicada para o teste, mas ela não sobreviveu em nenhum dos copos, morrendo rápido. Então fui para um segundo teste, usando uma planta mais resistente. Porém, para a minha surpresa as duas que estavam em potes com glicerina foram as primeiras a morrer, contrariando a pesquisa que tinha feito.



Dia 1



dia 1



dia 3



Dia 1



dia 2



dia 9

4.2 Sílica-gel

A sílica-gel é usada para absorver umidade. Na planta ela retira o líquido do caule e das pétalas. Diferente da glicerina, a sílica preserva mais a cor, ficando muito parecido com o estado natural da flor. Para preservar com a sílica-gel é preciso colocar a planta em um pote e cobrir com o produto, deixando de três dias a uma semana com o pote fechado. Esse processo com sílica-gel faz a planta durar mais que o processo com glicerina. Nos dois casos pode-se usar na finalização um spray fixador de cabelo, para que a flor mantenha sua forma firme.

No meu teste feito em casa deixei cinco diferentes plantas submersas na sílica-gel durante 15 dias. Ao retirar, percebi que a planta fica muito frágil e quebradiça. Todas foram danificadas ao retirá-las do pote. Apesar disso, as cores se mantiveram bem vivas. A flor lilás manteve a cor como se estivesse fresca. O estudo conclui que apesar da flor se manter com suas características, a estrutura dela é comprometida ficando muito frágil e ressecada para o manuseio e confecção do traje.



Antes do processo



Antes do processo



Depois do processo

Com o resultado desses dois testes, percebi que estava lutando contra o ciclo natural da flor, contrariando os processos da natureza. A partir disso, parei de lutar contra esse envelhecimento natural e comecei a aproveitar isso no meu trabalho. Assim como as flores, nada é efêmero e nela conseguimos acompanhar todos os seus ciclos em um tempo que é possível transmitir no meu trabalho. E todas as etapas da flor tem suas belezas, com significados de seus ciclos, que simboliza que ela e tudo que vive pertencem a natureza.

5.0 Execução

5.1 Dente-de-leão

Durante a pesquisa, para confeccionar o meu próprio traje, a primeira planta que eu pensei para fazer meu figurino foi o dente-de-leão (*Taraxacum officinale*). A delicada esfera sempre me fascinou e desde que escolhi meu curso da faculdade tenho o desejo de trabalhar um figurino com ela. Então, esse foi o primeiro caminho, descobrir se seria possível escolher essa planta, ou se ela ia me escolher. Fui pesquisar para saber se teria algum produto que mantinha as sementes firmes na base, para que não saíssem ao vento; se existiam artistas que já fizeram trabalhos com essa planta e o que eles fizeram para manter a esfera perfeita; a época que cresce; onde eu poderia encontrar e se eu conseguiria encontrar em grandes quantidades.



Dente-de-leão | Foto: Thaís Frossard

A minha primeira pesquisa foi tentar encontrar algum produto para deixar as sementes firmes na base, para que não ficassem muito frágeis e que eu conseguisse fazer uma vestimenta com elas. Encontrei um vídeo no *Youtube* da *Flower School* em que ensinava preservar o dente-de-leão intacto usando *spray* fixador de cabelo. Guardei essa pesquisa para fazer o teste mais tarde.

Em seguida procurei artistas que poderiam ter passado por essas minhas mesmas perguntas e que talvez teriam algumas respostas. Encontrei o artista visual vietnamita Duy Anh Nhan Duc, que atualmente mora na França, e cria obras de arte com plantas, e seu principal material, sendo parte até de sua logo, é o dente-de-leão. As obras do artista me fizeram suspirar de inspirações e fez crescer ainda mais meu entusiasmo com minha escolha. Fui então conversar com ele e tirar algumas das minhas dúvidas. A principal era como manter a esfera firme, seguida de outras: onde ele colhe ou se planta na intenção de colher depois; se usa uma espécie específica; se usa algum produto ou técnica de ressecamento.

O artista Duy Anh Nhan Duc me respondeu. Explicou que todos os dentes-de-leão que ele usa são colhidos na natureza, não são plantados por ele. Também respondeu que não usa nenhum produto no dente-de-leão, e que para não danificá-los apenas manuseia e constrói suas obras com muita cautela e delicadeza. Explicou também que suas instalações são colocadas em ambientes que não tenham passagem de vento e humidade, para que as sementes se mantenham intactas na base. Por último citei a pesquisa que tinha feito com o *spray* fixador de cabelo, ao qual ele respondeu que não usa e que o *spray* fixador cola as “plumas” das sementes e que para ele não resulta um visual estético interessante.



Obra de Duy Ahn Nhan Duc | Foto: Reprodução Instagram



Duy Ahn Nhan Duc colhendo dentes-de-leão em campo aberto | Foto: Léonie Deschamps

Após falar com Duy Anh Nhan Duc, fui procurar onde e quando eu poderia encontrar a planta para que pudesse colher da natureza, assim como o artista faz. A época do dente-de-leão é a primavera, mas consegui encontra-los no verão, durante o natal de 2023 e o início do ano de 2024, em Nova Friburgo/RJ. Foram encontrados em beiras de estradas, matos e jardins. As vezes apenas um sozinho, outras vezes mais de cinco, mas nunca em grandes quantidades no qual eu poderia colher muitos de uma vez. Fui colhendo e juntando cada um que via pelo caminho. Cheguei a plantar alguns no jardim da minha casa. O dente-de-leão tem diversos tipos, então existiam diferentes tamanhos e formas pelo meu caminho. Isso não me preocupava, pois poderia criar texturas diferentes na indumentária, deixando o visual mais interessante e quebrando um padrão.



Colheitas de dentes-de-leão | Fotos: Thaís Frossard

Antes das férias e da minha ida para Nova Friburgo, conversando sobre meu projeto com meu coorientador e professor Antônio Guedes, ele me indagou se eu conseguiria encontrar a quantidade que eu precisaria, pois não é uma planta que você encontra para comprar, é considerada uma planta nativa e geralmente se encontra por acaso, considerado um símbolo de sorte. A quantidade que eu precisaria para produzir um figurino seria enorme. E eu não conseguiria procurar por muitos meses morando e trabalhando no Rio de Janeiro, RJ. Esse seria o principal empecilho para a produção de um manto com o dente-de-leão (*Taraxacum officinale*), mas enquanto estava em Nova Friburgo, RJ, continuei com a procura.



Dentes-de-leão após o *spray* de cabelo | Fotos: Thaís Frossard

Durante meus caminhos aos dentes-de-leão (*Taraxacum officinale*) fui em Vargem Alta, no município de Nova Friburgo, RJ, onde se encontra plantações de flores. Meu objetivo era encontrá-los pela região e ao mesmo tempo abrir meu leque de opções, como plano B. Andando entre tantas flores, nenhuma me despertou como o dente-de-leão (*Taraxacum officinale*) me

despertava. Até que na última plantação meus olhos fitaram, o que fui descobrir depois, a chuva de prata (*Gypsophila*). Elas traziam a delicadeza, o branco e a leveza que eu queria e encontrava no dente-de-leão. Fiquei vislumbrada pelo tapete flutuante de pequenos botões brancos. Meu plano B estava à altura do meu plano A.



A plantação de chuva de prata em Vargem Alta, Nova Friburgo, RJ | Foto: Thaís Frossard

Durante duas semanas consegui coletar um pouco mais de cem dentes-de-leão. Muitos foram danificados no caminho, pois para transportar precisei juntá-los em um pote. Não era uma boa maneira para fazer isso. Imagino que a melhor opção para o transporte é uma estrutura (talvez feita de isopor) em que o dente-de-leão possa ser fincado para ser separado dos outros. E nesse momento já jogar o *spray* fixador de cabelo.

Depois de alguns dias precisei voltar para o Rio de Janeiro. Na cidade não consegui achar os dentes-de-leão. Com as impossibilidades de usá-los, precisei trocar de flor. Foi então que mudei para a chuva de prata (*Gypsophila*). As duas plantas são parecidas, trazem leveza, suavidade e a cor branca, então trocar de flor não traria grandes mudanças para os significados do meu manto. No final, com todas as possibilidades e impossibilidades, foi a planta que me escolheu, e não o contrário.

5.2 Chuva de Prata

O manto então será coberto com a flor chuva de prata e sua estrutura feita de arame, para dar a forma e firmeza. Um manto que envolve, acalenta e protege. A proteção é um traje de flor, que representa a natureza, os seus ciclos e sua efemeridade. Em poucos dias, é possível capturar seu ciclo, acompanhando suas fases de degradação depois de colhida.

O branco, cor da chuva de prata, de acordo com o estudo da escritora e cientista social Eva Heller, é o início. “ Quando Deus criou o mundo, seu primeiro comando foi “Faça-se a luz”, exemplifica Eva (Heller, 2021). Na história do hinduísmo, “a criação do mundo consiste em um mar de leite, Cristo ressuscitado aparece pintado de vestes brancas e em bailes debutantes as jovens vestiam vestidos brancos - era o início da vida social”. O ovo também é um símbolo do início, sendo sua cor em sua maioria branca, e a proteção para o desenvolver dos embriões para o início de suas vidas. O manto da minha pesquisa tem uma forma oval nos ombros, remetendo a essa proteção que o ovo simboliza.

Assim como a imagem do *ouroboros*², que é representado pelo círculo, indicando a espiral da evolução, em que o início e o fim formam um ciclo, a cor branca nos revela um paradoxo: ao mesmo tempo que no branco tem todas as cores, o branco não tem “cor”. “O branco como cor destituída de cor”, como escreve Heller, pode significar o final de um ciclo, pode significar o luto. As vestimentas de luto brancas pertence à ideia religiosa da reencarnação, que não encara a morte como despedida final deste mundo (Heller, 2021). É o fim daquela vida, e o início de outra. Ao mesmo tempo que é um fim, é um início, como as fases da vida, como o *ouroboros*. Relembrando uma citação da Cristina Pape sobre os trajes do Carnaval da Moita, “a ideia das fantasias serem elaboradas dentro do mato com vegetais que depois retornam à natureza, é uma noção de integração ao meio em que vivem” (Pape, 2016). Diante disso, o meu trabalho prático, e os outros citados acima em minha pesquisa, reconstroem a relação do ser humano com a natureza, seja ela simbólica ou real, e seus ciclos.

O desenvolvimento dos grandes centros urbanos e avanço das tecnologias digitais aceleram o afastamento do homem com a natureza. Para o ambientalista, filósofo e escritor Ailton Krenak, a humanidade vai sendo descolada do organismo que é a terra. Relevando a urgência de uma reintegração. O manto Tupinambá³, confeccionado com penas nativas, é um exemplo de pertencimento nos dias atuais, com uma carga simbólica de força e ancestralidade para o povo desta etnia. Os trajes com flores e folhas trazem, para mim, um significado semelhante de pertencimento ao meio em que vivo, ancestralidade e reconhecimento ao planeta onde pertencemos.

2 Imagem de uma cobra que morde o próprio rabo, formando um círculo. “O símbolo contém as ideias de movimento, continuidade, autofecundação e, em consequência, eterno retorno” (Wikipédia, s.d.).

³ O Assojaba Tupinambá (manto Tupinambá), confeccionado com penas nativas e produzido pelo povo Tupinambá, é um manto sagrado que antes da chegada dos europeus no continente Americano, era usado em cerimônias e festivais. O manto conecta o universo espiritual, ancestral e terreno. Atualmente, Glicéria Tupinambá confecciona os mantos com a benção dos Encantados - entidades ancestrais que fazem a ponte entre o mundo terreno e o mundo espiritual entre vários povos indígenas - que nos dias atuais trazem um significado de pertencimento, luta e identidade do povo Tupinambá.

5.3 Fotoperformance

A artista e escultora cubana Ana Mendieta (1948-1985) trabalhou durante sua vida com temáticas de aproximação do ser humano com a natureza. Acompanhando o movimento da arte dos anos 70's, Ana fazia suas obras com materiais diferentes, principalmente com elementos da natureza. Ela era conhecida por seus trabalhos corpo-terra (*earth-body*), em que ela mesma intitulou. Neles, Mendieta frequentemente remetia uma conexão física e espiritual com a natureza, unindo seu corpo com a terra para se tornar inteira. Ela explica:

minha arte é a forma de eu reestabelecer os laços que me unem ao universo. É um retorno à fonte materna. Através das minhas esculturas de terra/corpo, eu me torno uma com a terra... eu me torno uma extensão da natureza e a natureza se torna uma extensão do meu corpo. Este ato obsessivo de reafirmar meus laços com a terra é realmente uma reativação das minhas crenças primitivas [...]"

Ana Mendieta (Wanderley, 2017)

A artista utilizava frequentemente a fotografia. Uma de suas fotoperformances foi a série “Silhuetas”, onde mostra uma questão ritualística e de transformação da terra em um espaço sagrado. As fotos eram feitas em lugares que Ana considerava sagrado, e realmente era para alguns povos. Um trabalho dessa série que me chamou atenção foi “Imagen de Yagul”, em que a silhueta da artista é coberta de flores, que muito se assemelham as chuvas de prata (*Gypsophila*). Não diferente de suas obras, a “Imagen de Yagul” também traz a conexão entre a natureza e a humanidade. Mas não apenas isso. A silhueta é de um corpo feminino, que junto com a terra se tornam um, que pode simbolizar o ciclo sem fim do nascimento, amadurecimento e envelhecimento, e que pode levar ao novo nascimento. O uso do corpo feminino traz a simbologia da fertilidade, pois assim como o solo é fértil e dele provém as plantas e nutrientes, permitindo que as plantas cresçam e floresçam, o corpo feminino tem o poder de criar uma nova vida.



Imagem de Yagul, da série Silhueta Works in Mexico 1973-1977, 1973

Assim como os trabalhos de Ana Mendieta, a principal fonte de registro do meu trabalho será a fotografia, será uma fotoperformance. Todo o processo de confecção do manto acontecerá na cidade de Nova Friburgo, RJ, onde eu tenho mais espaço para construir o manto, rede de apoio e floresta com mais facilidade. E sendo, para mim, um solo sagrado, lugar que nasci e cresci. O trabalho vai ser registrado em três dias distantes entre si, acompanhando o ciclo da flor. A primeira foto será com a flor fresca e com muita vida, e quem estará usando o manto será uma moça jovem; a segunda foto será alguns dias depois, com a flor já se degradando, e quem vestirá o manto será uma mulher madura; a terceira e última foto acontecerá depois de mais alguns dias, com as flores já ressecadas, e quem vestirá o manto será uma senhora. As três pessoas que vestirão o manto serão mulheres da minha família. Mulheres que me trouxeram a vida e que estão em diferentes etapas do ciclo da vida. A primeira que vestirá será eu, a segunda minha mãe, Nai Frossard, e a terceira será minha avó paterna, Maria José Ieker. Trago na fotoperformance essas pessoas pelo significado que elas carregam de ancestralidade, de ciclo e do feminino. As fotos acontecerão em um ambiente de floresta, para que conceitualmente o manto possa voltar e pertencer natureza.

não precisasse de uma pessoa para se sustentar e ficar de pé. Ele se sustenta sozinho, assim como a natureza não precisa do homem. Em seguida fui trançando os cabos das flores entre os buracos da cerca de arame. Fui fazendo isso até preencher. A quantidade de flor que eu tinha comprado foi insuficiente para cobrir toda a miniatura, mas com o teste consegui ter uma dimensão de como iria ficar o manto original, quantos buquês eu iria precisar e fazer o orçamento, concluir que a cerca de arame deixava o manto estruturado e que a trama com as flores funcionava.



Trama das flores com o arame



A miniatura vista de cima



A miniatura do manto

Para a base do manto então, seguindo o teste com a miniatura, comprei uma cerca de arame e com as técnicas de moulage que aprendi na faculdade, na disciplina de *Técnicas de figurino I*, moldei, cortei, ajustei e “encaixei” o manto de acordo com o caimento e a forma que eu desejava no manequim. Fiquei alguns dias nesse processo. Em seguida juntei, costurando à mão, as partes cortadas com uma linha. Para não arranhar e nem machucar as pessoas que iriam vestir, coloquei uma espuma na parte dos ombros, onde o arame mais incomodaria e poderia machucar. O resto do manto deixei livre para conseguir trançar as flores na cerca e transmitir a transparência com a natureza atrás. Além disso, ainda para a base, comprei uma tinta em spray preta, para pintá-la. A base sendo preta se camufla muito melhor no verde que na cor cinza, que é como ela veio.



Tinta spray preta



Rolo de cerca



Contraste da cerca como veio



Contraste da cerca depois da tinta de spray preta



Aplicando técnica de moulage.



Cortando o arame depois de medir no manequim e moldar.



A base sem tinta de spray preta O resultado da base depois da tinta de spray preta.



Foto do processo de pintura da base



Foto do processo de pintura da base

De acordo com o cálculo, que aprendi a fazer nas aulas de costura da faculdade, consegui calcular com antecedência, devido ao teste inicial em miniatura, que eu ia precisar de trinta buquês de chuva de prata para cobrir todo o meu manto, de 140cm de comprimento. Para essa quantidade, conversei antecipadamente com uma floricultura de Vargem Alta, em Nova Friburgo, RJ, para comprar direto com os produtores de flores e fazer um orçamento, que assim sairia mais barato. Os valores das flores variam muito, pois depende da estação, da data, do clima e etc.

Ao pensar no local em que eu iria realizar as fotos, procurei lugares em que o manto pudesse estar no meio da natureza, como se ele pertencesse àquele lugar e eu apenas capturei um momento. Mas, apesar da minha cidade ter lugares com muita mata, eu tinha alguns impedimentos. O manto, por ser delicado, estruturado e grande não poderia ser carregado com muita facilidade; precisava ser um local em que o acesso seria fácil, pois além de mim, outras duas pessoas mais velhas iriam precisar chegar no local. Então, depois de muito procurar e pensar, achei que a melhor opção seria fazer onde eu moro. E acho que esses empecilhos

fizeram que o trabalho se tornasse ainda mais interessante, pois foi nessa casa e nesse lugar que eu fui presenteada com vivência na natureza.

Os buquês chegaram numa quarta-feira, e quinta eu iria fazer o manto e tirar as fotos. Deixei na água até quinta-feira pois queria fazer o manto no mesmo dia das fotos, para as flores não murcharem. No dia acordei 7h da manhã e fui direto começar o preenchimento do meu figurino. O primeiro passo foi trançar algumas folhas de trepadeiras pois ainda estava insegura se no último estágio, com as flores secas, o manto ficaria com muitos buracos. Para trançar as flores, juntava um mini buquê com algumas e trançava no arame. Fui fazendo isso em todo o manto, com muita cautela, delicadeza e calma. A preenchimento do manto durou seis horas e trinta minutos. Finalizando o manto, fui direto tirar as fotos para registrar o trabalho e conseguir captar a beleza dele ainda fresco. Devido à grande quantidade de flores, o manto ficou muito pesado, portanto foi essencial a finalização de espuma nos ombros e as fotografias serem feitas no mesmo local da produção dele.



Chegada das encomendas.



Processo de confecção do manto.



Processo de confecção do manto.



Mini buquê para entrelaçar no arame. Durante o processo.



Manto pronto.

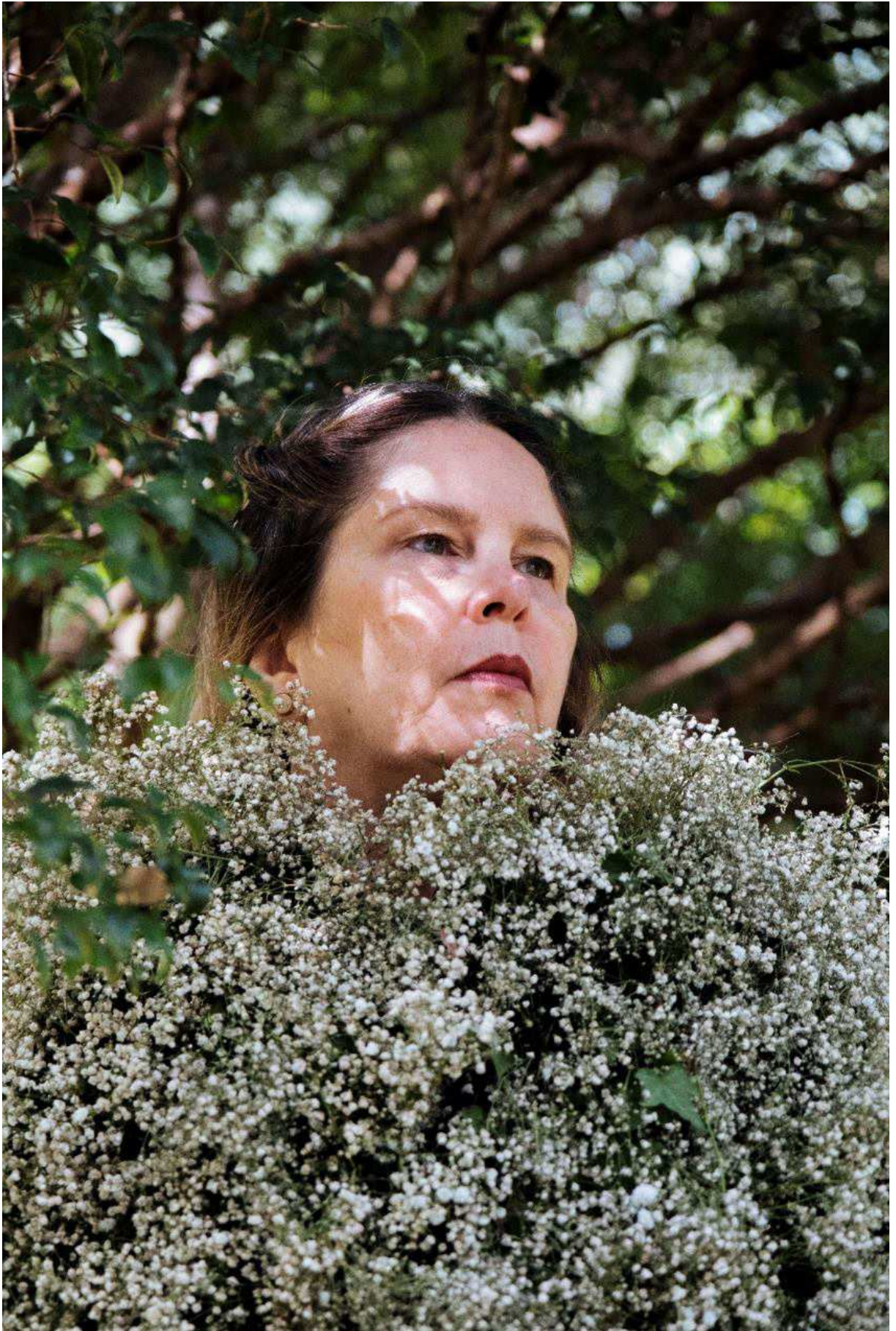
O resultado da fotoperformance é dividido nas fotos no meio de árvores, com ele fresco, e nas fotos de comparação dos ciclos. A diferença do primeiro dia para o segundo são sete dias, já do segundo dia para o terceiro são vinte e um dias. Os créditos das fotos são de Felipe Lorenção e tratamento das fotos, Flávia Monteiro.

















Bibliografia

- Bart Hess. (s.d.). Acesso em 27 de abril de 2024, disponível em Bart Hess:
<https://www.barthess.com/lucyandbart>
- Brodnitz, N. (s.d.). Psicologia do Vestuário. *Seminário de Pedagogia Curativa*. São Paulo, SP.
- Cusack, C. M. (Setembro de 2013). THE BURRY MAN FESTIVAL, SOUTH QUEENSFERRY: WARDING OFF EVIL. *Journal of the Sydney Society for Scottish History*, 13 (2010), 35-51.
- Duy Anh Nhan Duc. (s.d.). Acesso em Dezembro de 2023, disponível em Duy Anh Nhan Duc: <https://www.duyanhnhanduc.com/>
- Fréger, C. (2010- until now). *Wilder Mann*. Fonte: Charles Fréger:
<https://www.charlesfreger.com/portfolio/wilder-mann-fr/>
- Frossard, N. (2023). *Portal Multiplix*. Acesso em 03 de dezembro de 2023, disponível em <https://www.portalmultiplix.com/noticias/carnaval-2023/folioes-se-vestem-de-folhas-e-flores-no-carnaval-da-moita-em-localidade-de-nova-friburgo>
- Gonçalves, A. C. (2023). *UFMG*. Acesso em 09 de maio de 2024, disponível em <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-manto-tupinamba/>
- Gutierrez, F. (05 de outubro de 2023). *POP & Art*. Fonte: globo.com:
<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/10/05/a-historia-da-morte-misteriosa-da-artista-ana-mendieta-tema-de-retrospectiva-em-sao-paulo.ghtml>
- Heller, E. (2021). *A psicologia das cores* (1 Edição ed., Vol. 2 reimpressão). (E. G. Ltda, Ed.) São Paulo: Olhares.
- Krenak, A. (2019). *Ideais para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lameirão, L. H. (2007). *Criança brincando! Quem educa?* (1 ed.). São Paulo: João de Barro.
- Lewis, C. B. (Março de 1935). The Part of the Folkin the Making of Folklore. *Folk-Lore*, 46(1), 37-75.
- Oliveira*, R. d. (2008). THE GREEN MAN E O ARQUÉTIPO DA NATUREZA. *Ci. & Tróp.*, 32, 17-32.
- Pantouvaki, D. S. (s.d.). Novelty through Performance Costume: From Material to Immaterial Dimensions. *Aalto University, Finland*, 9. Acesso em Dezembro de 2023, disponível em <https://costume.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/10/2020/02/Sofia-Pantouvaki-Novelty-through-Performance-Costume.pdf>
- Pantouvaki, S. (Março de 2020). Novelty through Performance Costume: From Material to Immaterial Dimensions. In E. Breukers (Ed.), *Innovation and Fashion: Proceedings of the ICOM Costume Committee annual meeting*.
- Pape, C. M. (novembro de 2016). Samambaia, jerivá, ju-çara e hortênsias: o “carnaval da moita” em Rio Bonito de Cima, Lumiar, RJ. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, pp. 55-68.

- Quirino, M. L. (2024). *MONGABAY*. Acesso em 09 de maio de 2024, disponível em <https://brasil.mongabay.com/2024/01/tupinambas-busca-se-reconectar-com-a-ancestralidade-atraves-de-seus-mantos-sagrados/>
- Raglan, L. (Janeiro de 2012). The “Green Man” in Church Architecture. *50*, 45-57.
- Resource Center by HST*. (2023). Acesso em 6 de dezembro de 2023, disponível em <https://learning-center.homesciencetools.com/article/how-to-preserve-leaves/#:~:text=One%20method%20of%20leaf%20preservation,the%20leaf%27s%20texture%20and%20form>
- Retold, A. R. (2021). Acesso em 15 de Dezembro de 2023, disponível em Museums & Galleries Edinburgh: <https://www.edinburghmuseums.org.uk/stories/auld-reekie-retold-hip-hip-hooray-its-burymans-day>
- Rkain, J. (10 de maio de 2020). *Ana Mendieta está aqui*. Fonte: Arte que acontece: <https://www.artequacontece.com.br/ana-mendieta-esta-aqui/>
- Rodrigo, R. (2023). *Brasil de Fato*. Acesso em 09 de maio de 2024, disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/20/vestimentas-incriveis-mantos-resgatam-historia-do-povo-tubinamba-em-pernambuco>
- Rose, S. (s.d.). *Saaya Rose*. Acesso em 3 de Setembro de 2023, disponível em <https://saayarose.com/blogs/news/how-do-they-make-roses-that-last-a-year#:~:text=After%20the%20rose%20has%20been,and%20lock%20in%20its%20freshness>
- Rubin, N. (2017). *Cultura*. Acesso em 01 de maio de 2024, disponível em O Globo: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/rivane-neuenschwander-cria-obras-partir-dos-medos-das-criancas-1-20955771>
- School, F. (2021). Acesso em 24 de 03 de 2024, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mku00nwQmoU>
- The Burryman of South Queensferry!* (2013). Acesso em 15 de Dezembro de 2023, disponível em Alba Living: <https://albaliving.com/2013/11/the-burryman-of-south-queensferry/>
- Valente, G. T. (2021). *Museu Nacional UFRJ*. Acesso em 09 de maio de 2024, disponível em https://www.museunacional.ufrj.br/see/objetos_manto_tupinamba.html
- Visitors come for the Burry Man*. (2011). Acesso em 15 de Dezembro de 2023, disponível em BBC News: http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/scotland/4784271.stm
- Wanderley, O. d. (2017). “Nem aqui nem lá”1: rastros do feminino nas fotoperformances de Ana Mendieta. *Comunicação e Sociedade*, vol. 32, 305 – 317.
- way, a. w. (2017). *Papua New Guinea: National Mask Festival in East New Britain*. Acesso em 04 de novembro de 2023, disponível em <https://anywayinaway.com/photography/papua-new-guinea/national-mask-festival-east-new-britain/>
- Wikipédia*. (s.d.). Acesso em 15 de maio de 2024, disponível em <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ouroboros#:~:text=O%20Ouroboros%20costuma%20>

ser%20representado,sagrada%20de%20morte%20e%20reconstru%C3%A7%C3%A3o
.&text=Segundo%20o%20Dictionnaire%20des%20symboles,evolu%C3%A7%C3%A
3o%20voltada%20para%20si%20mesmo.